



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

PETRÓPOLIS, RJ, 19 DE JANEIRO DE 1996

*Senhor Governador do Rio de Janeiro, meu companheiro e meu amigo Marcello Alencar; nosso anfitrião, Doutor Eduardo Gouveia Vieira, que é o Presidente da Firjan; Senhor Prefeito de Petrópolis; Senhores Ministros; Doutora Celina; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores;*

Esta manhã, aqui em Petrópolis, nesta solenidade em que a clemência de São Pedro fez com que chovesse, com que o sol amainasse um pouquinho, para eu poder falar com menos calor, é uma manhã muito significativa. Por muitas razões: primeiro, que se vê esse estímulo e essa presença, já tão forte, do investimento produtivo no Rio de Janeiro. Segundo, porque eu queria também uma complementaridade entre o investimento na empresa, a associação dos empresários, o Governo do Estado e o Governo da República. Terceiro, porque, por trás de toda essa comemoração, existe uma preocupação, que acho fundamental, pois permitiu o avanço que o Brasil está tendo nos últimos anos – a melhoria da qualidade.

Há alguns anos, pela bondade do Presidente Itamar Franco, eu me tornei Ministro das Relações Exteriores. E fui ao Japão, na volta passei

pelos Estados Unidos. E um dos argumentos que eu usava, na difícil tarefa de convencer, com uma inflação de milhares por cento ao ano, era de que o Brasil tinha condições de ir bem, já tinha sinais de que ia bem – era precisamente o certificado ISO 9000.

Pouca gente falava nisso, naquela ocasião. Mas a mim me chamava a atenção, porque a única condição que permitiria ao Brasil realmente abrir-se à competição – e é forçado a isso, mesmo que não queira –, nesse mundo que globalizou seu processo produtivo, é a competência técnica, o padrão de qualidade, o atendimento ao trabalhador, a educação do trabalhador, a assistência social ao trabalhador, e a possibilidade efetiva de que a produção aumente pela via da produtividade, único mecanismo de acabar com a pobreza.

Esse sinal já estava se esboçando. Hoje ele é palpável. Mil empresas certificadas! Não vamos nos referir aos demais países, porque é sempre desagradável e não será o Presidente da República que vá fazer algum reparo ao desenvolvimento relativo. Mas o fato é que “mil empresas” tem um significado grande, como disse o Presidente da Siemens, Dr. Hermann, é significativo em nível internacional.

Foi isso que possibilitou não só a abertura da economia, mas o combate à inflação, que vêm juntos. Em grande parte, os dissabores com a taxa de câmbio, de muitos dos brasileiros que produzem e exportam, foram compensados pelo aumento da produtividade. E isso permitiu que, nos momentos mais críticos da fase de transição para a estabilização da economia, nós pudéssemos obter uma política cambial apertada (não posso falar muito, porque vi de longe o Gustavo Franco, e ele pode me corrigir).

Mas isso permitiu, também, que houvesse um combate efetivo à inflação, porque a competição introduz esse elemento, e, na verdade, quando o comércio internacional se abre, o preço tende a ser uniformizado, a se homogeneizar e faz com que a única maneira pela qual as empresas possam, efetivamente, crescer seja pelo aumento da produtividade, pela competição.

De modo que é um dia em que eu queria, como Presidente da República, agradecer àqueles que se dedicaram a essa tarefa, tanto nas em-

presas, quanto no Governo e fora do Governo e das organizações que cuidam dessas matérias. Pelo trabalho anônimo de reconstrução da crença em nós próprios, da nossa capacidade de progredir e de avançar é que foi possível dar os passos que estamos dando. E, por trás disso, tem que haver a universidade, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, outra condição fundamental, que vem junto com esse mesmo processo de mudança do Brasil.

Hoje, creio que já podemos divisar não esses projetos já concretizados, mas novos projetos, de horizonte mais tranquilo. Tranquilo em termos: nunca há tranquilidade, nem na vida política e nem na econômica. De qualquer maneira, temos o rumo, já sabemos para que direção marchamos. E já podemos, hoje, divisar um momento em que as taxas de poupança aumentem, que o investimento seja mais forte, seja possível ofertar mais empregos, por essa via distribuir melhor a renda e, ao mesmo tempo, fazer com que haja crescimento global do produto bruto, mais sustentado e, quem sabe, talvez – quanto mais melhor – com números mais significativos.

Não gosto de me referir a números, até porque os numerologistas sempre se equivocam, no Brasil, sempre têm uma visão pessimista, e, depois, os resultados são melhores. Eu, como tenho visão otimista, não quero exagerar nas minhas propostas, mas tenho a convicção de que possuímos hoje as condições para uma marcha mais forte, no sentido do desenvolvimento econômico sustentável. Por trás disso, está esse enorme esforço de transformação de mentalidade, de organização da produção, de formação da mão-de-obra e de atenção sistemática àquilo que é fundamental numa sociedade moderna, que é não pensar que no isolamento dos muros da fábrica seja possível resolver todas as questões, enquanto nas ruas as questões estão numa situação de quase calamidade.

Temos que juntar esses esforços, para que tenhamos, efetivamente, uma sociedade que se possa dizer, não digo moderna, que é uma expressão vaga, mas digna dos filhos do solo brasileiro. É nessa direção que estamos marchando. É nessa direção, com tranquilidade, como disse o Sérgio, com serenidade, sem açodamentos, sem sustos, sem ziguezague, sem mágica, mas com muita convicção e muita firmeza.

Vamos, sim, partir para uma etapa de maior desenvolvimento. As taxas de juros, como mencionou o Dr. Gouveia Vieira, já começaram a cair. Cairão, espero. E para cair é que eu fiz não só que o Governo faça o que está começando a fazer, mas que os bancos também acompanhem a queda. Não basta o Governo, o *overselic* parar (*palmas*): é preciso haver um esforço de produtividade aí, e que se pense também na diferenciação nas formas de financiamento, de tal maneira que o financiamento de longo prazo, que sustenta o crescimento da indústria, seja mais sólido.

Isso só virá – e virá – com o avanço das reformas, também. Por quê? Porque, com o avanço das reformas, com a criação de uma nova mentalidade, no que diz respeito ao que seja a organização do Estado e à relação do Estado com o mundo empresarial e com o mundo sindical, nós vamos ter também a possibilidade de criar fundos de acumulação mais estáveis.

Com a reforma da Previdência, tão pronto quanto o Congresso vote as medidas que estão sendo discutidas neste momento, que estão encontrando apoio mais amplo, graças, precisamente, ao espírito negociador do Governo e dos sindicatos e do Congresso; tão pronto sejam aprovadas, poderemos partir para outras formas de previdência, baseadas na capitalização, que é a única maneira de termos fundos mais estáveis de longo prazo, para financiar o crescimento da economia brasileira. (*Palmas.*)

Não há, portanto, que pedir uma transformação isolada num setor da sociedade, porque não adianta. Temos que, ao mesmo tempo, por mais difícil que seja isso, atuar em várias frentes, para que, no conjunto dessas forças novas que a sociedade já desencadeou, seja possível realmente divisar um Brasil de desenvolvimento econômico, de tranquilidade social e consolidação da democracia.

Para não ser longo neste discurso de encerramento, ao agradecer, mais uma vez, a presença de todos, a capacidade de manter o paletó com tanto calor, eu queria, também, dizer que tenho especial carinho, se posso dizer assim, por estar aqui, hoje, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, convidado pelo Prefeito e pelo Governador, agraciado pela Câmara de Vereadores.

O que já foi dito aqui é verdadeiro. O Rio compreendeu o novo momento do Brasil. O Governador Marcello Alencar foi um dos que mais imediatamente perceberam que tínhamos condições excepcionais de mudança. Mudança essa – me disse, hoje, o Governador, a bordo do helicóptero – em que, às vezes, o Presidente da República não faz mais do que gestos protocolares, porque, muitas vezes, falta ainda o fundamental para o investimento, mas, através desses gestos protocolares, se vê que existe uma mentalidade nova. O Governador Marcello Alencar assumiu essa mentalidade nova com muita força. E, através do seu secretariado, através do seu relacionamento com a sociedade, no Rio de Janeiro, e com o Governo Federal, tem possibilitado que a frase que usei com tanta insistência, de que o Rio é o farol do Brasil, seja vista, hoje, não como mera frase retórica, mas como uma realidade. Que esse farol cada vez ilumine mais os horizontes, em vez de ficar concentrado naquilo que é mais próximo.

O Rio, hoje, já ilumina o Brasil. E é por isso, como carioca que é paulista, que teve a formação paulista e que se orgulha de ter sido senador por São Paulo, nessa qualidade é que eu digo, com muita convicção: tenho certeza de que os avanços que estão sendo concretizados aqui, no Rio de Janeiro, vão ser compartilhados por todo o Brasil.

O que é bom para o Rio de Janeiro é bom para o Brasil.

Isso tudo que temos feito aqui é, portanto, um passo adiante para que o Brasil se torne cada vez melhor.

Muito obrigado.